



Presidência da República
Casa Civil
Secretaria de Administração
Diretoria de Gestão de Pessoas
Coordenação – Geral de Documentação e Informação
Coordenação de Biblioteca



PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA
BIBLIOTECA

RIO DE JANEIRO, 6 DE MARÇO DE 1960.

NA SOLENIDADE DE REABERTURA DOS CURSOS
DA UNIVERSIDADE DO BRASIL.

Reveste-se de uma significação especial a solenidade que abre em 1960 os cursos universitários. 265

Pela quinta vez aqui estou, para dizer à cultura nacional uma palavra de veemente confiança. 266

Venho de uma longa jornada até as alturas desta tribuna catedrática, para conferir com os que ensinam e estudam neste País a política espiritual do Governo. 267

Não lhes trago promessas, cuja solução, através dos tempos, acumulou, nos arquivos da administração brasileira, tantas esperanças desvanecidas. Trago-lhes nas realizações e nos resultados, isto é, na linguagem irrefutável dos fatos, o resumo de um trabalho exaustivo, que, em quatro anos infatigáveis, imprimiu novos rumos à civilização brasileira. 268

Trago-lhes a síntese límpida do esforço sem desânimos nem hesitações com que, desde o primeiro dia, me empenhei, decididamente, para varrer da consciência popular o ressentimento, o pessimismo, o torpor das coletividades abandonadas à sua sorte, as tristezas proverbiais da nossa gente desafiada pelas angústias da carência e pelos convites do progresso. 269

É nos claustros acadêmicos que, mais uma vez, encontro o pensamento e o entusiasmo dessa cultura impaciente, as inquietações e as afirmações dessa inteligência reivindicante, sobretudo essa intransigente “brasiliade” encarnada no prestígio das becas, e nas justas ambições de todos os estudantes brasileiros ! 270

Venho dizer-lhes o que representou para o País a formidável solidariedade de ideais, que de outra feita, 271

formulei como um *compromisso da cultura com o desenvolvimento*, a fim de tirar, desta aliança, a lição suprema do momento nacional: a união de todos os bons patriotas em torno do programa que lhes dá a visão integral do Brasil, — do Brasil projetado no mapa como um prodígio dinâmico, ampliado e iluminado na história como uma presença grandiosa.

272 A Universidade comprehende na sua profundezas este conceito simples.

273 Não me vanglorio de ter concorrido, com a labuta de tôdas as horas, em quatro anos sem descanso, à custa do que menos conta para mim, que é o sacrifício pessoal, para que assim fôsse. Honro-me e glorio-me, isto sim, de ter sido abençoado por Deus com a graça de poder convocar, para êsse imenso trabalho, o braço e a mente, a técnica, o saber e o coração de quantos, ao norte, ao sul, ao centro da terra estremecida, rasgam as estradas de penetração, galgam os óbices geográficos, anulam as distâncias desertas, constroem barragens e cidades, levantam usinas e estaleiros, e no meio da silenciosa imensidate da Pátria, edificam, resumo cíclópico de sua realidade heróica — Brasilia !

274 Não sou a vontade isolada que se transformasse na ação do Estado. Longe disto, sou, quis ser, serei até o limite do meu período de governo, um catalizador das energias do meu tempo e do meu povo: senti-me delegado de sua decisão, da decisão soberana de desprender-se das travas do subdesenvolvimento, para realizar, com a ajuda de tôda essa maravilhosa equipe de trabalhadores, a obra de redenção econômica, de libertação material, de transformação do País, através de três soluções irreversíveis. A primeira, a recuperação do equilíbrio constitucional: é a solução política. A segunda, a criação das condições harmônicas de prosperidade: é a solução econômica. A terceira, não menor no seu vasto índice cultural, a convocatória

das disponibilidades do espírito e do civismo, para que se reintegrasse o Brasil na impetuosa, na corajosa, na esplêndida conquista de sua própria terra, de sua própria gente: é a solução moral.

Ninguém dirá que há progresso sem ordem. Mas o distico ufano da bandeira careceria de autenticidade sem a ordem da lei, a ordem formal da justiça e a ordem institucional do regime, a ordem externa, que é a segurança dos lares, e a ordem interna, que é a paz da sociedade, essa ordem protegida pela fidelidade da força e pelo primado da Constituição, pelo consentimento das massas e pela disciplina das consciências, que nos assegura o respeito das nações e a estabilidade demográfica. Esta espécie intocável de ordem, eu a mantive, sem violência, e manterei, sem desfalecimentos !

Mas de pouco valeria a ênfase jurídica da democracia constituída, se lhe faltasse a dinâmica do desenvolvimento.

Quando dirigi ao grande Presidente Norte-Americano a carta de maio de 1958, que inaugurou no Continente a nova era de Cooperação, que é a OPA (Operação Pan-Americana), limitei-me a dizer em alta voz o que pensávamos em voz baixa, isto é, que sem a elevação do nível existencial dos humildes a miséria se associará sempre aos inimigos da democracia, para destrui-la. Seria platônico ou negativo, reformular o Brasil a sua doutrina de desenvolvimento no âmbito internacional, recusando-a no interior, onde pulsam as ansiedades mais dolorosas de uma Nação que tem a seiva e a alma dos Impérios ! Na verdade o que dizia ao estrangeiro era a mensagem do que fazia e promovia neste País ! Não pedia o auxílio da sua opulência, solicitava a sua compreensão: era o grito de uma cruzada e não consulta a um mercado; pedido, sim, mas endereçado a uma das mais puras vocações de estadista que hoje tem o mundo, o Presidente Eisenhower, em favor

de tôda a América Latina. Em testemunho de sinceridade, aqui está o ritmo acelerado de desenvolvimento brasileiro: neste caso, deixou o Brasil de ser uma expectativa da civilização, ou "O País do futuro", para ser um exemplo da civilização viva, ou "O País da atualidade".

278 Só o País da atualidade pode traçar na Hiléia Amazônica o roteiro Belém—Brasilia. Só o País da atualidade pode unir êsse forte coração da integridade nacional a cada um dos pontos cardeais, para articular, num grande sistema rodoviário, as comunicações essenciais a essa Unidade. Só o País da atualidade faria dos espaços, que isolam, os caminhos que aproximam. Só o País da atualidade faria correr as viaturas de sua fabricação, alimentadas com combustível nacional, pelas estradas abertas à educação e à saúde por sua engenharia e pavimentadas com seu asfalto, verde-e-amarelas em tôda a extensão e em tôda a moldura agreste e bela! Só o País da atualidade construiria as titânicas barragens de Furnas e Três Marias, para que os rios caudalosos se convertam em férteis agentes da riqueza industrial e agrícola. Só o País da atualidade multiplicaria os seus altos fornos, base da independência econômica, resolveria o seu problema fundamental de petróleo, afrontaria a crise da Marinha Mercante com a construção intensiva dos próprios barcos, atenderia com os próprios recursos, a despeito de tudo, a cada uma das questões prementes dêste desenvolvimento insopitável, que classifiquei em metas administrativas, e pude equacionar, uma por uma, em termos que significam a nacionalidade! Não falariei de estatísticas que todos conhecem, sequer de fatos, que ninguém ignora, e os mais prevenidos contra o Governo já não ousam contestar, porque passaram a pertencer ao povo brasileiro. Direi apenas que nas metas cumpridas, ou em ultimação, vibra a nota luminosa do otimismo nacional: são as metas que interiorizaram a civilização tradicional, que abateram as muralhas das

cordilheiras e das selvas, que atraíram para o Planalto Central as poderosas energias da República, e elaboram a fisionomia respeitável de um Brasil diferente, o de 1960, o da era industrial, que, em 21 de abril, dia consagrado ao idealismo das liberdades sagradas, mudará para Brasília a sede do Governo Federal, sem que a sua ação e a sua animação deixem de estar em todos os núcleos desse formidável trabalho criador !

Só o País da atualidade recobraria em tão curto tempo o que perdeu nas demoras prudentes do passado; pode agora desprezar o que ontem lhe constituía o peso-delo, ontem, quando se discutia alhures o destino das regiões despovoadas e a garra das ambições erráticas pesava potencialmente sobre os vales vazios, as florestas lendárias, os desertos misteriosos, as reservas geológicas, de um território demasiadamente vasto para a modéstia dos resignados, a covardia dos apáticos, ou a indiferença dos incrédulos ! País da atualidade, enfim, é o que alcança com as suas mãos laboriosas e a sua cultura emancipada o futuro com que lhe acenavam: atualizar o Brasil foi a obra a que me abalancei com todo o vigor que me incutia a crença no Brasil.

279

Esta a fórmula do tempo presente.

280

Os que não se atualizam perdem a corrida da vida, que é a batalha contra o atraso, o retardamento, a conformidade, o subdesenvolvimento, a fome e a submissão, ou a dissolução; a batalha da mocidade dos povos contra as capitulações da desagregação e da miséria! Não digo novidade, acrescentando que também é a batalha da liberdade, como corolário da subsistência. Não julgamos assegurada a liberdade no continente, faltando-lhe a prosperidade. Não a consideramos garantida no Brasil, sem o desenvolvimento. Isto há três séculos reconhecia o pregador genial. É a palavra do Padre Antônio Vieira: “*Não há mais cruel tirano que a pobreza e a necessidade*”.

281

Permita-se-me portanto acentuar e insistir, a atualização brasileira importa a mais viva, a mais humana, a mais urgente das políticas, aliás implícita em cada uma das metas planejadas e ultrapassadas do meu Governo: a política que valoriza e nacionaliza o Homem, fixa-o e protege-o, dá-lhe dignidade e ambiente, eleva-o e justifica-o. A cultura e o Homem não são térmos filosóficos de um problema acadêmico. Já se foi a época em que podíamos considerá-los em função das ideologias: hoje temos de defini-los na exatidão de suas exigências. Vivia o Homem brasileiro no paupe-rismo rural a rotina agrária da sua solidão de perspectivas curtas e necessidades clamorosas: longe ou fora do Estado que lhe cobrava o tributo sem a contrapartida da saúde e do transporte, da escola e do serviço, das compensações e dos direitos em que a cidadania se manifesta. Ao Homem brasileiro desajudado, omitido, segregado, onerado e silencioso, ao nosso patrício tenaz e paciente que de sol a sol moureja por todo êsse Brasil, levamos a comunicação, a profilaxia, o colégio, o trabalho, a justiça, a animação e a renovação que se circulam hoje — como o sangue moço pelas artérias possantes da Pátria — por tôdas as rotas do seu Progresso. A cultura é o antecedente e o consequente dessa revolução de viaturas e ferramentas, dessa admirável revolução de tratores e arados, dessa revolução nacional de trabalhadores ordeiros, que vai remodelando as realidades brasileiras. Nela se estampa a contingência tremenda do nosso Tempo. Depois da era industrial, a era científica impõe aos povos o dilema, da sobrevivência, pela vitória da Cultura, ou da subserviência, pelo seu fracasso. Em seguida ao combate da emancipação econômica, trava-se o da libertação cultural. O futuro delineia-se nos laboratórios: é a competição interminável das invenções, em que a pesquisa informa e reforma os processos de produção, consolida a independência, fundamenta a de-

fesa, desprende das peias exteriores o surto industrial, habilita à autonomia das soluções na disciplina fecunda dos problemas internos: esclarece, orienta, centuplica, individualiza o trabalho nacional. A era científica poderá ser caricaturada como a das incríveis aventuras da física nuclear no domínio, ou no predominio, dos espaços insondáveis. Não se queira porém encerrá-la num estreito grupo de audáciais pioneiras. Passará a era dos monstruosos engenhos bélicos como passou a das ameaças químicas, e passou pela equivalência, vale dizer, pela inutilidade de emulações terríficas, neutralizadas nesse mínimo de bom senso que é patrimônio universal do juízo humano. Quando podemos aperfeiçoar a humanidade, seria estúpido pensar em aniquilá-la. O que a Cultura nos oferece de prático e formidável é o teor humanista de suas serventias. Para utilizá-las lúcida e rendosamente é que se fazem, e refazem, as Universidades.

Universitário por formação e inclinação, honro-me de não ter desatendido a instituição universitária, que mereceu do Governo a solicitude de todos os instantes. Reitero-lhe a mais serena confiança. Quero-a preliminarmente gozando os benefícios da autonomia, sem a qual, limitada e insuficiente, jamais atingiria os seus radiosos objetivos. Essa autonomia não pode e não deve ser nominal ou incompleta, para ser responsável, dona de si mesma, como o é a inteligência nas suas especulações, a ciência e a consciência dos mestres. Queremo-las dotadas dos recursos indispensáveis ao seu funcionamento e à sua evolução, e neste particular as tabelas orçamentárias falam melhor do que eu, mostrando como de ano a ano se têm avantajado as cifras consignadas em dotações irredutíveis ao ensino superior e técnico-profissional. Queremo-las em instalações adequadas e com o seu instrumental moderno; e para que se integrem neste ritmo construtivo, paralelamente

aos institutos de alta especialização e às novas Faculdades e Escolas se erguem as Cidades Universitárias.

284 Na exposição que acaba de fazer o dedicado Ministro Clóvis Salgado, ficou patenteado o constante sentido da nossa confiança na ação dos órgãos universitários, cuja autonomia tenho procurado, não apenas respeitar mas ampliar. Desta natureza são os dois atos que recomendei fôssem preparados para a assinatura nesta solenidade.

285 Dizem respeito à Cidade Universitária da Universidade do Brsail e à plenitude da autonomia administrativa e didática das Universidades federais.

286 Desejo inaugurar quatro novas unidades, que, com o Instituto de Puericultura, lhe constituirão o núcleo capital, a Cidade Universitária. Serão a Faculdade de Arquitetura, abrangendo os seus institutos técnicos, o edifício principal da Escola de Engenharia, a Oficina Gráfica, que iniciará a publicação do livro didático, a Casa do Estudante. Prosseguirão aceleradamente as obras do Hospital de Clínicas, para que em três anos seja entregue à Faculdade de Medicina. Para tanto fica estabelecido o programa de suprimentos neste exercício financeiro, de forma a concluir-se o conjunto de obras que devem estar prontas no ano em curso. O Ministro da Educação, o Reitor da Universidade e o Escritório Técnico da Cidade Universitária tudo farão para que essas providências se articulem imediatamente com os projetos em execução, de modo a ser ainda este ano uma realidade o sonho de professores e alunos da mais populosa das Universidades nacionais. O outro ato que terei a satisfação de assinar, é a concessão às Universidades Federais das facilidades de ordem administrativa que lhes estimularão o desenvolvimento autônomo, tendo em vista a sua qualidade de autarquias educacionais. Com esta prova de elevado acatamento às instituições docentes, que zelam pela Cultura brasi-

leira, reafirmo-lhes o agradecimento pelos serviços prestados ao País, a minha vinculação aos seus propósitos espirituais, todo o meu fervor de homem público e a veneração dos brasileiros pelo magistério impoluto e pela incomparável tarefa que é o seu apostolado de todos os dias.

Professores e estudantes do Brasil! As nações que podem encarar sem temor o dia seguinte, exatamente porque honradamente viveram e venceram os dias passados, nada receiam quanto à sua estabilidade, à sua liberdade, à sua posição no tempo e no mundo. Louvado Deus, que o Brasil é hoje maior do que ontem. E na paz democrática de uma prosperidade inteligente, que é a livre Ordem do Progresso que se respira neste País, segue firmemente o seu caminho. A Cultura e o Homem ocupam o seu lugar na terra que enriquecem. A Universidade não faltou ao seu dever. O Govêrno cumpre a obrigação cívica de exaltá-la. Com o rego-sijo que esta festa de cordialidade e otimismo espalha por todo o território da Pátria, onde quer que haja escolas abrindo as suas portas à sabedoria e à juventude, declaro inaugurados os Cursos de 1960.

287